

# Revolução

**A DIREITA  
MILITAR  
AVANÇA**

**BOMBAS  
E  
BOCAS**



**ALENTEJO**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**



Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## EM FRENTE PELO VERDADEIRO MUP

Setúbal, 12/12/76

### CAMARADAS

Quando os porcos nazis do PPD/PSD e do CDS esfregam as mãos de contentes porque a situação lhes é agora propícia para desfecharem o golpe «à la Pinochet» juntamente com os seus amigalhões do ELP/MDLP e os militares a eles afectos;

Quando o Governo PS dos patrões (sim, que eu penso que já ninguém disso tem dúvidas) manda prender Revolucionários e soltar os criminosos da Pide; quando toda aquela «cambada de fachos do Governo do Mário Trapças Bochechas» vem insultar desvergonhadamente quem tudo produz com as mais vis calúnias, impondo medidas terrivelmente reacçãoárias aos trabalhadores tornando-lhes a vida impossível;

Quando o PCP lá vai seguindo o seu caminho de entrave à Verdadeira Revolução, traindo os trabalhadores, atirando-lhes poeira para os olhos para assim os poder controlar e para que estes não vejam realmente qual deve ser o seu papel. Esperemos no entanto que estes rompam muito brevemente as malhas reformistas e se coloquem definitivamente do lado da Revolução;

Quando partidos da Esquerda Revolucionária (?) fazem afinal o mesmo traindo o Projecto Revolucionário do General OTELO (aconteceu em Caxias, no Congresso (?) e aqui em Setúbal quando os UDPES nos disseram que a população escolheu o seu cacique n.º 1 para primeiro da lista para

a Câmara). Estes e o MES lá vão razeando a penelinha e nela cozinhando toda a espécie de fantochadas, atropelando tudo aquilo que é verdadeiramente Revolucionário e que, por isso mesmo não lhe convém. «Enfim, problemas da pequena burguesia...». Ao fim e ao cabo o que se vê é que eles não querem a Revolução Socialista.

Pois quando tudo isto acontece é com imensa alegria que constato que o PRP segue firme e decididamente a linha Revolucionária que traçou e que sempre o tem norteado não se desviando um milímetro sofrendo, por causa disso, os mais diversos ataques. Vemos que o PRP não concilia quando isso é contrário aos seus princípios e logicamente aos dos trabalhadores. A vossa meta camaradas, a vossa ambição é afinal a de todos os explorados e oprimidos — é a REVOLUÇÃO SOCIALISTA! Nela os trabalhadores é que deterão o Poder construindo assim a Sociedade de Trabalhadores, a Sociedade Socialista!

Leio o «Revolução» há quase um ano embora seja assinante há menos tempo mas tem sido ele que me tem verdadeiramente esclarecido e alertado para problemas nos quais nunca tinha pensado. Para o «Revolução» vai o meu donativo. Com ele vai para todos vós camaradas o meu grande abraço revolucionário.

EM FRENTE PELO VERDADEIRO MUP — AQUELE DE QUE O NOSSO GENERAL OTELO SEMPRE NOS FALOU! EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

NATÁLIA

### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA ERNESTO E LUÍS LIVRARIA-BIBLIOTECA

Encontra-se aberta na UEPL uma LIVRARIA-BIBLIOTECA, cujo horário normal de funcionamento é das 13 às 21 horas, e na qual podes adquirir livros com um desconto progressional ao preço de capa e que vai até aos 20 por cento.

VAI LÁ ● LÊ OU COMPRAS LIVROS ● DÁ SUGESTÕES

Para aumentarmos a variedade e sobretudo a qualidade das publicações que apresentamos precisamente do teu apoio.

A UEPL fica na Av. 5 de Outubro, 68, Lisboa

Revolução

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

PAÍS	Semestral — 110\$00	Pagamento
	Anual — 220\$00	
ESTRANGEIRO	Semestral — 400\$00	Em cheque <input type="checkbox"/>
	Anual — 800\$00	Em vale <input type="checkbox"/>

# Lê assina divulga Revolução

### PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa

Tel. 573520/573640/573717/573670

DELEGAÇÃO DO NORTE

Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

LIVRARIAS REVOLUÇÃO

#### CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 h e das 16.30 as 24 horas.

#### ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas

#### Stª Iria da Azoia

Rua S. Francisco Xavier, n.º 10-A

#### ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110  
Tel. 315759/315786

VIANA DO CASTELO — Rua de  
Altamira, 102 Tel. 24320

MATOSINHOS — Rua Conde de  
S. Salvador, 374  
Tel. 931925

BARCELOS — Av. Liberdade 60r.  
Tel. 83399

#### ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Ferreira Borges,  
Tel. 22961

CASTELO BRANCO — Rua de  
Santa Maria, 10 Tel. 179

MARINHA GRANDE — Rua Mar-  
quês de Pombal, n.º 65

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua  
Jaime Afreixo n.º 142  
Tel. 24149

ARGEIA — Tel. 92169

#### ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, 40  
ALGÉS — Rua Vitor Duarte  
Pedroso, n.º 15 - Algas de Cima  
Tel. 2100337

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro  
N.º 16-17 Tel. 2512907

PAREDE — Rua Gomes Freire de  
ANDRADE, 1 Tel. 2474142

AMADORA — Rua Gonçalves  
Ramos, n.º 40 Tel. 939525

CACÉM — E. de Paço de Arcos,  
lote 16, loja, T. 2945096

#### ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETÚBAL — Praça do Bocage, 3  
Tel: 28949

COVA DA PIEDADE — Estrada  
Nacional, n.º 10  
2763397/2763122

BARREIRO — Rua dr. Eusébio  
Leão, 31 Tel. 2076745

QUINTA DA LOMBA — Rua de  
Goa, 21-A

LAVRADIO — Rua dr. José Car-  
cano Lobo, n.º 312

SINES — Rua Marquês de  
Pombal, n.º 66 Tel. 62690

TORRÃO — Hortá Seca

#### ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

ÉVORA — Largo do Chão  
das Covas, n.º 21 Tel. 24998

BEJA — Rua Alexandre Hercula-  
no, n.º 29 Tel. 24594

ALJUSTREL — Rua da Liber-  
dade, n.º 13, Aljustrel

#### ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Reitor Teixeira  
Guedes, n.º 35 - Tel. 24107

OLHÃO — Rua 16 de Junho,  
n.º 64 - B - C

LOULÉ — Av. José da Costa Mes-  
sina, n.º 39 - 1.º Tel. 63043

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio  
24735

PORTIMÃO — Rua 5 de Outu-  
bro, 17 — 24958

ESTOMBAR — Rua D. Pedro  
Galvão, 5

MONCHIQUE — Estrada da Foia,  
9, Monchique.

#### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017



# GOVERNO PS

## O Discurso

### Da Repressão

As declarações agressivas dos Ministros do governo PS sucedem-se na tentativa de esconder a sua incapacidade de cumprir as tarefas que a burguesia lhes dá, apontando um alvo sempre constante: os trabalhadores.

#### BARRETO UM HOMEM QUE SERVE

A Reforma Agrária é um campo onde se têm confrontado claramente os interesses dos trabalhadores com os vários projectos que os partidos possuem para os enquadrar.

O avanço da direita que nos últimos meses se verificou também aqui se reflectiu. O PS cedendo claramente às imposições da CAP «obrigou» Lopes Cardoso que tinha cumprido a sua função de ponte entre a política agrária do PC e do PS a demitir-se Barreto é sem dúvida o homem que, no constante rolar para a direita do seu partido, aparece hoje na vanguarda. Não é por acaso que a filial da CAP para o Sul, a Associação dos agrários do Baixo Alentejo o vem publicamente apoiar.

No passado dia 8 Barreto foi à televisão brindar-nos com uma sessão de calúnias aos trabalhadores rurais, enquadras num discurso ferozmente anti-comunista ameaçando os trabalhadores de utilizar todos os meios ao seu alcance (meios esses que aliás, estes já há largos anos conhecem GNR, PSP, etc.) para, no fundo, querer apenas dizer que o seu governo está a fazer todos os esforços para acabar com as Unidades Colectivas de Produção e promover em sua substituição pequenas cooperativas isoladas que funcionam como pequenas empresas capitalistas, sendo obrigadas a entrar nos circuitos de comercialização, distribuição e crédito existentes. Isto tendo por referência as «Reformas Agrárias» dos países do Ocidente, que não foram nada mais que uma adaptação da questão agrária às necessidades do desenvolvimento capitalista.

#### SOARES PARA O BRASIL

Quanto a Soares compete-lhe uma função mais importante a nível da estratégia do Imperialismo: a de ponte entre a Social-Democracia Europeia e os regimes fascistas e fascizantes com que os sociais-democratas tem escrúpulos em se relacionar directamente.

«Portugal quer ser uma entrada para o Brasil na Europa» é uma declaração de Soares ao «Jornal Novo» bastante ilucidativa.

É de notar também que o primeiro-ministro espanhol Suarez só teve encontros com Willy Brandt depois de passar por Lisboa e pelo Gabinete de Soares, o qual, por sua vez, depois do encontro com Suarez este esteve presente no Congresso do PSÓE, ao contrário do que tinha sido anunciado.

Estes serviços prestados por Soares surgem na crescente submissão de Portugal ao Imperialismo em troca dos empréstimos feitos por esses governos para que o actual estado de coisas se mantenha em Portugal.

#### REPRESSÃO PARA PORTUGAL

Ao mesmo tempo que Soares ex-

porta os negócios da Social-Democracia europeia para o Brasil, o seu governo e o seu partido vão-se «purificando» dos elementos mais à esquerda. A direita que só abençoava Cardia passou a abençoar também Barreto.

Contudo, passar da repressão de estratos pequeno-burgueses como o grupo social estudantil e a classe dos professores, à recuperação directa sobre o proletariado rural alentejano é um passo que o PS não dá sem se pôr totalmente nas mãos da direita. Porque despoleta uma situação que demarca claramente os campos e que obriga o PS a procurar protecção junto dos seus patronos mais reaccionários, protecção que lhe é negada pois a direita sente-se suficientemente forte para o dispensar.

#### O ISOLAMENTO DO GOVERNO

Embora continue com uma percentagem eleitoral que lhe confere a posição de partido mais votado, o isolamento de que o PS é alvo cresce dia a dia.

O PCP utilizando os seus recentes resultados eleitorais vai acentuar a sua chantagem da «maioria de esquerda».

Por outro lado o CDS que percebeu que o capitalismo não recupera com «Títulos do Tesouro» impõe-se cada vez mais ferozmente, não se baseando em votos mas na força armada dos militares e bombistas a ele afectos.

#### DA OPOSIÇÃO CRÍTICA À OPOSIÇÃO IMPACIENTE

É interessante observar como certos sociais-democratas mais perspicazes se sentem alarmados com o facto da direita passar à oposição frontal ao Governo sem se preocupar com uma transição sem convulsões.

«Uma estratégia emocional, repentina, de oposição, sem sequer averiguar de viabilidade de uma alternativa ao governo é errada» (Marcelo Rebelo de Sousa — Expresso).

Este tipo de oposição, a par de um em cada três eleitores se ter absterido nas últimas eleições, é acontecimento bastante preocupante para os que apostavam na estabilização e se assustam com «a bipolarização crescente e frontal da vida política portuguesa».

#### O ADEUS À ESTABILIZAÇÃO?

As abstenções e esta «bipolarização», a par do crescimento da direita fascista perante a incapacidade definitiva deste governo de repor de pé a economia capitalista, e do aumento da resistência dos trabalhadores à repressão governamental, parecem abalar os que apostavam num «governo Socialista renovado» mais «operante» e cujas figuras centrais seriam homens como Cardia e Barreto.

# Quem Tem Medo De WALRAFF ?

Estava anunciada para terça-feira passada, em Lisboa, uma conferência de imprensa do jornalista alemão Gunther Walraff, conhecido pelas suas descobertas sobre Spinoza e o MDLP, obtidas quando se conseguiu introduzir naquela organização.

As informações que Walraff pôde desta forma obter e que foram parcialmente publicadas pela revista alemã «Stern», funcionaram nessa altura como uma autêntica «bomba». Na realidade, e em entrevista cedida em exclusivo ao «Revolução» em Abril deste ano, são claramente denunciadas, quer a rede de contactos de Spinoza e o MDLP, do Norte ao Sul do País, quer as estreitas ligações entre Spinoza, então no estrangeiro, e o poder em Portugal ao mais alto nível.

«Através dos contactos que desenvolvi com o MDLP desde as bases do Norte até ao Spinoza, pude saber por diversas vezes e por diversas fontes (do MDLP) que havia, efectivamente, contactos entre o MDLP, o Conselho da Revolução e pessoas do Governo»;

«Os melhores homens (na perspectiva do MDLP) que têm apoio nos órgãos de poder são (repetidas vezes mencionadas): Ramalho Eanes, Firmiño Miguel, e ainda um que não foi referido (por essa dificuldade das tra-

lares, por ser o sítio mais adequado e seguro».

Mas, e reportamo-nos ainda à entrevista concedida por Walraff, as denúncias não se ficam por aí e envolvem outras forças políticas:

«Os assistentes de Spinoza que no Alentejo (em 3 cidades) têm os seus bastiões organizados através de homens do PS, pois que, no Alentejo, os verdadeiros anticomunistas são os homens do PS (...). Aliás ele referiu um caso que vocês devem conhecer, que é o caso de Alvalade do Sado, onde PS's passaram realmente para o CDS».

Walraff mostrava-se disposto a comprovar todas as suas afirmações e, inclusivamente a aprofundá-las, pois, segundo ele, o revelado não constitui senão uma parte mínima das informações que possui e que somam longas horas de gravações. É nesse sentido que vai surgir agora em Portugal, o seu livro «A Descoberta de Uma Conspiração/A Acção de Spinoza».

E-nos neste momento bastante



duções) Canto e Castro».

Uma explicação muito possível para os atentados terroristas que então se verificavam, e que agora estão de novo na ordem do dia, é-nos também dada por Walraff:

«Spinoza diz, ainda, que desde 28 de Setembro de 1975 que — nós (MDLP) temos depósitos de armas nas zonas montanhosas entre o Alentejo eo Algarve, de um modo geral e, quase exclusivamente, em casas particu-

compreensível o motivo porque Walraff não compareceu na anunciada conferência de imprensa. Mas, mesmo assim, as peripecias sucederam-se. Na verdade, na falta do próprio Walraff, foi preso por agentes à paisana que se encontravam no local, o editor do livro em Portugal que entretanto aí se deslocara e que, por ser fisicamente parecido com o jornalista alemão, foi com ele confundido.

Quem quer prender Walraff? Quem teme as suas declarações?



e a actualidade nacional

# Conferência de Imprensa de Álvaro Cunhal



O jornal «Revolução» esteve presente durante as eleições para as autarquias locais, no Centro de Informação da Gulbenkian. É-nos neste momento ainda impossível fazer uma análise detalhada dos resultados, por falta de todos os dados indispensáveis, no entanto essa análise, será feita exaustivamente no próximo número do jornal.

Contudo assistimos nessa madrugada, quando não tinha ainda terminado a contagem dos votos, à conferência de Imprensa então concedida por Álvaro Cunhal aos jornalistas presentes.

## RESULTADOS ELEITORAIS

Cunhal começou por considerar a votação obtida pela FEPU sobretudo no Alentejo como um grande sucesso, tendo em consideração a percentagem obtida por Octávio Pato nas eleições para a Presidência da República. Interpreta essa votação como uma recusa nítida dos trabalhadores alentejanos à política agrária promovida pelo Governo PS, mais propriamente pelo Ministério de Barreto.

No entanto a verdade é que não nos podemos ficar pela consideração das percentagens obtidas. Se pensarmos que em relação às eleições anteriores houve um aumento substancial das abstenções há que verificar que em números absolutos praticamente todos os partidos tiveram uma diminuição de votos em relação às presidenciais.

## A ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA

Interrogado sobre quais as críticas de fundo que tinha fazer à esquerda revolucionária e sobre se o ataque que o PC habitualmente lhe fazia não estava em contradição com a sua «política de maioria de esquerda», o secretário-geral do PCP foge à questão deturpando-a: identifica de forma caluniosa o conjunto da esquerda revolucionária com os grupos neonazis do MRRP, AOC e PC de P (m-l) para em seguida lhes fazer algumas críticas mais do que justas, pretendendo dessa forma ampliar essas críticas aos revolucionários. É a tática habitual de quem não pode atacar justamente e de frente os seus «opositores»...

## CRÍTICAS AO PS

O PS foi severamente criticado por Álvaro Cunhal sob vários aspectos: por um lado foi acusado por ter congregado à sua volta, em certas regiões, os votos do PPD e do CDS que teriam desistido de apresentar listas próprias a favor do PS, por outro foi criticada a sua política no campo da Reforma Agrária, da cedência ao patronato e da recuperação capitalista, da política de empréstimos ao estrangeiro e de submissão ao imperialismo e ainda no que diz respeito ao ensino à Comunicação Social etc.

Mas o ponto fulcral foi a visita de Soares ao Brasil a cuja oportunidade Cunhal pôs sérias reservas, levantando a questão anunciada pelo jornal brasileiro «O Globo» segundo a qual Soares ir-se-ia encontrar em alguns banquetes com «famosos imigrantes portugueses» tais como os Vinhas, os Espíritos Santo etc.

## ALTERNATIVA... MAIORIA DE ESQUERDA

No entanto interrogado sobre se seria de esperar após as eleições um endurecimento de posição do seu partido em relação ao Governo PS, Cunhal surpreendentemente (ou talvez não) respondeu que a sua posição se mantinha: «não fazemos uma política de obstrução mas sim uma política construtiva. Apoiamos o que for positivo, combatemos o que for negativo. Propomo-nos discutir com os «socialistas» e ver se sim ou não é possível uma plataforma comum (...) Insistimos na aproximação e entendimento entre comunistas e socialistas porque uma política democrática precisa dessas aproximações e entendimentos (...)».

## “OS RICOS QUE PAGUEM A CRISE”

«Os ricos que paguem a crise» tem sido martelado como palavra de ordem, como reivindicação central actual do «povo pobre», pelo P.C.P.(R)Y.U.D.P. em toda a sua propaganda política.

A palavra de ordem cntral de uma organização num dado momento histórico parte de uma análise desse momento e aponta a alternativa que esta organização propõe.

Qual o projecto político contido na referida palavra de ordem. Qual a análise que lhe está subjacente?

Sem entrar em questões como o conceito cristão-populista de ricos e pobres que nada tem a ver com o marxismo, analisemos pois esta palavra de ordem do P.C.P.(R)Y.U.D.P.

Os ricos «pagarem a crise» pressupõe:

1 — A burguesia (os ricos no vulgo

U.D.P.) poder, nesta fase do processo capitalista em Portugal (caracterizado também por eles como de crise, tirara à mais-valia que realiza umas migalhas que contemem as reivindicações mais imediatas dos trabalhadores.

2 — Que os trabalhadores (povo pobre, segundo a U.D.P.), em fase de consciência atrasada e com formas recuadas de luta, se limitarão a pedir que lhes mantenham o seu nível actual e não sofram muito os efeitos desta crise do capital.

Tudo isto aponta no seu todo para uma análise em que se caracteriza o actual momento político como de entrada numa fase de estabilização no processo da luta de classes; a classe dominante vai conseguindo superar a crise retirando um quinhão dos seus lucros para satisfazer as necessidades mais imediatas dos explorados. Por outro lado, estes, em fase de refluxo das suas lutas, devem limitar-se a defender certas conquistas, defender a Constituição e a estabilidade. A democracia burgesa está implantada para durar, há que entrar no seu jogo, defender posições, esperar melhores dias **É esta a alternativa.**

Todo este projecto tem uma lógica

interna, a lógica do refluxo tão querida aos neo-reformistas de todas as cores, com a particularidade de jogar na estabilidade das instituições, de apostar nos processos eleitorais.

Porém:

1 — A burguesia criou como classe o Estado democrático-parlamentar, destruindo o Estado feudal, e é nele que se sente mais à vontade. Para resolver a sua crise a burguesia gostaria de poder satisfazer na realidade as reivindicações mais imediatas do proletariado, reproduzindo assim o seu sistema sem sobressaltos, sem desestabilizações, como hoje se diz.

Impossível, hoje, em Portugal. Para a resolver a burguesia tem que investir o acumular a curto prazo, abrindo as portas ao capital imperialista sem oposição de espécie nenhuma.

2 — Os trabalhadores não estão de factos dispostos a ser explorados, sugados até à medula, sem resistir, sem contra-atacar. Tudo isto aponta para uma situação de confronto em que a burguesia para resolver a sua crise tem que destruir as organizações dos trabalhadores, os seus lutadores mais consequentes, **impor o fascismo.** Os trabalhadores têm que se unir, organizar e preparar para esta luta de morte, fazer a **Revolução socialista.**

Pôr os pobrezinhos a pedir aos ricos que paguem eles a crise e os deixem ficar como estão é um reformismo rasteiro que conduz a classe à derrota. Hoje aqui em Portugal, é a questão do poder que se põe ao proletariado.



# SOARES CANDIDATO A KISSINGER

O Primeiro-Ministro Mário Soares terminou uma entrevista aos jornais brasileiros «Estado de S. Paulo» e «Jornal do Brasil» com esta afirmação, surpreendente pela sua sinceridade reveladora: «Portugal quer ser uma entrada para o Brasil na Europa».

Soares fala por certo na entrada na Europa dos interesses económicos com «base» no Brasil mas cuja «sede» pode estar fora do Brasil, nos Estados Unidos, por exemplo.

Na verdade é preocupante o facto de Soares querer transformar Portugal numa sala de entrada para o Imperialismo ianque e seus aliados e de saída para o imperialismo Alemão, Francês e da CEE.

Esta sua vocação mostra que a sua ascensão política até ao cargo de responsabilidade que ocupa, não se deve exclusivamente ao mérito próprio e que, para se manter no poder, tem necessidade de recorrer a certas formas de «prestação de serviços» a quem o apoia.

Se os próprios brasileiros, que aprenderam na dura luta do dia-a-dia a «lógica» do capitalismo, apesar da censura a desinformação, se apercebem de que o Governo brasileiro, consciente de que o Brasil é «sugado» por vários parasitas internacionais (vários milhões de dólares saem diariamente), procura desesperadamente alguém para sugar também para que o sangue não deixe de correr, não podemos ficar indiferentes ao papel reservado a Soares neste processo.

## RELAÇÕES BRASIL-GOVERNO PS-EUROPA

Interessa analisar ao nível político e diplomático — as relações planeadas entre o Brasil, o Governo Soares e a Europa. Se é evidente que nas relações estritamente económicas não são necessários intermediários (os investimentos alemães no Brasil aumentaram cerca de 250 milhões de marcos no primeiro semestre deste ano) e que os acordos económicos fazem muito antes de «transpirarem» nos jornais algumas informações sobre os mesmos, também é notório o carácter mais ou menos clandestino que o capital imperialista alemão, por exemplo, é obrigado a usar nas relações com países de regime nazi-fascistas. O conheci-

mento publico destas relações põe a nu a natureza imperialista da burguesia alemã que na sua necessidade de expansão não regateia apoio, nem sequer militar, aos racistas de Pretória e aos gorilas do Uruguai, Brasil, Chile, etc., armando nuclearmente alguns deles através da tecnologia «pacífica» que lhes fornece.

## COMO VENDER «DEMOCRACIA»

É aqui que Soares entra em cena disposto a vender o pouco prestígio que ainda lhe resta (relacionado com o processo político em Portugal pós 25 de Abril e com a sua conotação «socialista») a troco de apoio político e financeiro. Assim ao «dar a mão» diplomática e consequentemente politicamente às referidas ditaduras, Soares contribui para as recuperar perante a opinião pública mundial, rompendo o isolamento a que a solidariedade internacional para com os povos oprimidos justamente as votara, e tornando nos embaraçosas para social-democracia Europeia as relações com esses regimes.

## PROJECTO DE COMUNIDADE LUSO-AFRO-BRASILEIRA

A África Austral é vital para o Imperialismo Ocidental. A sua perda total será talvez o início do fim. Foi nesta área precisamente que em 1975 o Imperialismo sofreu talvez o mais rude golpe de toda a década de 70, depois do Vietnam. Por isso ele tenta desesperadamente recompor-se. Militarmente joga nos racistas rodesianos e Sul-Africanos e em Savimbi para promover uma escalada na agressão militar contra Angola e Moçambique. Mas o Imperialismo joga outros trunfos.

É assim que tenta restabelecer a cadeia de dependências que ia desde o «centro», EUA, até à «periferia», Angola e Moçambique, recorrendo a Portugal e ao Brasil como intermediários projectando reeditar o projecto neocolonial, agora tão abalado.



# A VIOLÊNCIA DA DIREITA

A direita põe bombas. Esta afirmação e a sua veracidade salta aos olhos de qualquer trabalhador que não se encontre desprevenido perante a jogada do Governo «Socialista» e da sua Imprensa.

Mais uma vez em pleno clima de agitação eleitoral a direita reacçãoária, através das suas organizações armadas clandestinas, cria o terror na população, provoca um clima propício para que as votações favoreçam os tais partidos que reclamam a «produtividade em segurança» para que, com uma margem eleitoral relativamente grande, possam continuar a estender as suas garras sobre os trabalhadores e as suas organizações de classe.

É neste prisma que têm de ser entendidas as últimas bombas nas linhas de Sintra e Estoril e na conduta de água de St.ª Iria. A esquerda não pode pôr bombas nos comboios que utiliza para se deslocar para o trabalho, nem pôr bombas na conduta de água que os trabalhadores utilizam para beber (não há Whisky ou Vermutes). Isto salta à vista de qualquer pessoa. Mas também é evidente que não convém à direita pôr bombas sem arranjar alibis para os fins que se propõe, ou seja, criar a confusão e suspeição, sem veladamente ou não, tentar dar a entender terem sido as bombas colocadas pela esquerda.

É nesta ordem de ideias que o ministro da Administração Interna afir-

ma estar disposto a reprimir os bombistas «venham eles de onde vierem» e que os jornais mais fiéis defensores da burguesia desenvolvem simultaneamente uma onda de boatos e calúnias como a da existência de uma rede de rádio clandestina e de um helicóptero e ainda de centenas de G3 encontradas no Alentejo, o que no dia seguinte eles próprios são obrigados a reconhecer que realmente não existia, se bem que tal tenha sido afirmado em grandes títulos. É dentro dos mesmos propósitos que se enquadram as afirmações sobre organizações de esquerda revolucionária e principalmente o PRP; o relatório sobre as «sevícias» praticadas pós 25 de Abril em «presos políticos» que «por acaso» sai uma semana antes das eleições e que tem o cuidado de culpar a esquerda (também evasivamente) pelas ditas sevícias etc.

Bombas, boatos e a criação de um clima tenso são uma forma de violência da direita. Os trabalhadores respondem com aviolência, que é a sua luta diária contra o capitalismo e a sua consciência de classe que numa fase mais aguda da luta de classes se transformará em violência física contra a burguesia.





e a actualidade nacional

# AS FORÇAS ARMADAS ISENTAS?

A mentira que é afirmar, mesmo numa lei, que as Forças Armadas são apatidárias (o que não passa de uma forma de querer apolitarizar a massa dos soldados), e que os seus membros se têm que reger pela isenção é hoje clara ao olhar para algumas das actuações militares.

Sem falarmos do ministro dos Negócios Estrangeiros — sector dos agentes secretos — Canto e Castro e dos actos puramente políticos e partidários do comandante da Região Militar do Norte, que deve ter um regulamento de disciplina só dele, que são casos de domínio público, podemos adiantar a manobra de baixa política partidária eleitoral e antijurídica a que se prestaram alguns oficiais que elaboraram um relatório sobre sevícias, não só à margem de qualquer lei, o que não seria o mais grave, mas à margem da verdade como se provará. A hierarquia militar esteve altamente comprometida com a política fascista e colonialista na defesa dos interesses do imperialismo e dos sectores nacionais a ele ligados e arrastou as Forças Armadas para o descrédito para a desonra, isolando-as do seu povo. Foi contra essa hierarquia e o seu regime que o M.F.A. se revoltou. O 25 de Abril não foi obra das Forças Armadas, foi obra de uma minoria de militares congregada no M.F.A. E não foi obra das Forças Armadas porque estas eram o suporte do fascismo e os seus mais altos quadros ao mesmo tempo os quadros do regime.

## OS QUADROS MILITARES DO FASCISMO

Foram militares todos os directores da Polícia Política fascista a P.I.D.E./D.G.S. Um dos últimos, o coronel Homero de Matos que ainda há pouco compareceu a abonar a idonei-



... perante a passividade do Conselho da Revolução e dos órgãos militares que continuam demagogicamente afirmando a isenção e o apatidarismo das Forças Armadas



Ocupam já, após o 25 de Novembro o tal golpe que «repôs o verdadeiro espírito do 25 de Abril» os mais altos cargos

dade moral do P.I.D.E. que matou Dias Coelho e a elogiar a sua organização, foi, após sair da P.I.D.E., comandante da Escola Prática de Cavalaria, onde se formam os quadros daquela Arma. Quase todos os governadores das ex-colónias foram militares que executavam ao mais alto nível a política colonial: Samento Rodriguez, Rebocho Vaz, Spinola, Bettencourt Rodrigues, Sivério Marques, Shultz, etc. etc. muitos governadores de distritos e províncias das ex-colónias foram militares como Melo Egídio, Santos e Castro, Soares Carneiro, Videira etc., etc.

Os militares aqui em Portugal e nas colónias foram secretários gerais, administradores, chefes da Polícia, comandantes de exércitos particulares ao serviço das grandes empresas multinacionais ou dos grandes capitalistas como a Damang, o Caminho de Ferro de Benguela, os grupos especiais de pára-quedistas de Jorge Jardim, etc., etc. Muitos militares ao saírem dos seus altos cargos passaram depois a executores da política económica e financeira do fascismo como administradores de grandes empresas; eram raros as que não tinham generais e almirante nos seus corpos administrativos, da C.P. à C.U.F., dos bancos, aos Cabos Ávila, da Fundação de Oeiras à Torralta, etc.

Nunca houve distinção entre as funções políticas, económicas e militares; muitos fizeram carreira, subiram na vida, enriqueceram vendendo-se desta maneira. São conhecidos entre os militares centenas de casos de corrupção, de atropelo de todas as regras

mínimas de respeito, de falta de estofo moral, de ambição de muitas altas e baixas figuras militares, que iam desde o desvio de géneros nas messes ao tráfico de armamento. Foi contra este regime e contra o seu sustentáculo, que as suas forças armadas, que se fez o 25 de Abril.

Ora o que se passa neste momento é que muitas das figuras evoluídas em casos como estes, altamente responsáveis, ocupam já, ou preparam-se para ocupar, após o 25 de Novembro, o tal golpe que «repôs o verdadeiro espírito do 25 de Abril» os mais altos cargos.

## A REORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO

Generais e almirantes saneados após o 25 de Abril constituíram-se em grupo para lutar pela sua reintegração com Kaulza, Troni e Bettencourt Rodrigues à cabeça, tendo sido já recebidos por elementos do Conselho da Revolução. Outro caso tipo, um entre muitos, por ser um nome muito falado na extrema direita é o coronel Soares Carneiro «Um dos pais dos Comandos» antigo governador de distrito e secretário-geral (o que corresponde a 1.º ministro) em Angola, até ao dia 25 de Abril, e que hoje é comandante de uma das unidades afectas à NATO: o Regimento de Infantaria de Abrantes.

O general Melo Egídio ex-governador do Niassa é hoje, depois de ter sido comandante do AMI, vice-presidente do Estado-Maior do Exército; o tenente coronel Cabral Couto, chefe da repartição de operações do Estado-Maior do Exército, foi em Moçambique o braço direito da Kaulza e tem promovido com o deputado Lucas Pires do CDS reuniões de militares. Enfim ca-

sos como estes são incontáveis... perante a passividade do Conselho da Revolução e dos órgãos militares que continuam demagogicamente afirmando a isenção e o apatidarismo das Forças Armadas, ao mesmo tempo que se preparam para afastar todos os militares que lutaram pela Democracia, que estão e estiveram ao lado do seu povo.

Os interesses que americanos e alemães determinaram para o nosso país e para as Forças Armadas Portuguesas, impõem que sejam banidos todos os que se opõem à colonização de Portugal pelas grandes potências capitalistas.

Hoje que a situação económica vai exigir uma grande luta dos trabalhadores para manterem e conquistarem uma vida digna, sem exploração, que como plataforma mínima tem de manter a democracia formal, são homens do regime fascista que estão em altos postos, fazendo agora a política nas unidades militares, como o farão noutros locais assim que a situação se altere, enquanto são afastados e impedidos de exercer as suas funções os militares que sempre lutaram por uma sociedade mais justa, e que são hoje vilmente caluniados e enxovalhados sem possibilidades de se defenderem mesmo dentro das normas universalmente aceites em qualquer regime minimamente afastado da Ditadura Militar.

O povo português, numa altura em que vão ser atribuídos 18 milhões de contos do seu trabalho às F.A. tem o direito e o dever de se preocupar com o que nelas se passa, de se pronunciar e de exigir delas a defesa dos seus interesses e que nelas se encontrem oficiais e sargentos que conduzam os seus filhos, os milicianos, os soldados, no caminho da construção duma sociedade independente, justa e livre de exploração.



Os quadros do fascismo



# A VIOLÊNCIA

## DE TODOS OS DIAS

A violência é um problema que deve ser analisado e discutido por todos os que lutam por uma nova sociedade; é violentamente que as classes dominantes exercem e exerceram o seu domínio. O tabú que envolve a problemática da violência serve só a classe dominante que a utiliza a cada momento e sob as mais variadas formas.

sua violência com as suas leis, os seus juizes, as suas forças Armadas e a sua Polícia, a sua rádio, Televisão e jornais, a sua cultura, acusando de violentos aqueles que agredidos pelas suas leis, pelos seus policias exploradores, lutam para se libertarem.

Com tudo o que dissemos quize-mos apenas afirmar que a violência é o pilar onde assenta o poder da Burguesia que utiliza para defender os seus privilégios e as relações de produção que lhe permitem existir como classe, e que para tanto usa um instrumento feito à sua medida — O Aparelho de Estado. Quando este se mostra pouco decidido na sua defesa, ultrapassa-o, aparecendo assim os bombistas, os Esquadrões da Morte, as Brigadas anti-operárias, para que se mantenha, e aprofunde se, possível, a divisão da sociedade em classes, fundamento de toda a injustiça e gerador de violência.

### QUE FAZER?

Para romper o círculo vicioso que é a existência da Burguesia como classe dominante, que para o ser tem de sustentar nas suas mãos os meios de produção, que têm de ser servidos por grandes massas humanas, que cada vez resistem mais ao domínio e à exploração, é necessário alterar radicalmente todo o sistema. Isso faz-se destruindo o capitalismo e os mecanismos que permitem o exercício do Poder pela Burguesia — O APARELHO DE ESTADO

O que se passou em Portugal é exemplar: a tentativa das forças reformistas para utilizar o aparelho e Estado burguês em seu proveito levou à situação em que hoje vivemos de refluxo e de violência sobre a classe traba-

lhadora que não conseguiu, por entraves postos à sua actuação revolucionária, destruir os mecanismos de controlo da burguesia que hoje os utiliza quase intactos e com redobrado ódio sobre o Povo.

Assim é necessário que a classe trabalhadora encontre rapidamente a sua direcção dentro dela própria, para que nos locais de trabalho, nos dormitórios, nos bairros de lata, nos campos, nos barcos, responda à onda de violência que a classe decadente e corrupta sobre ela lança e organizada encontre a alternativa política que lhe permita construir o seu próprio Estado, a sua Democracia.

Os trabalhadores não podem admitir impassíveis, os ataques que vem sofrendo, mas também não podem entrar no desespero que leva a acções isoladas do contexto político. No entanto é cada vez mais clara a necessidade de agir com audácia e com firmeza porque estão do lado certo da história e porque vencerão.

### ÀS BOMBAS

### E AS BOCAS

As bombas vieram por aí fora «incomodar» a população, objectivo visado pelos seus agentes.

Depois vieram as bocas de Soares, de Costa Brás etc. Mas a «boca» mais grave foi a do comunicado da direcção do P.C., que aproveitou para dizer a respeito das bombas que venham «elas de onde vierem...» etc... etc. E uns parágrafos mais adiante declara que é preciso combater o esquerdismo e o aventureirismo. Enfim, para bom entenderdo...

Mas isto foi antes das eleições. Depois elas ocorreram e apareceu um comunicado da F.E.P.U. em que em termos claros se atribuem as bombas à direita e como tal se combatem.

Conclusão: Antes das eleições era preciso assegurar à pequena-burguesia o repúdio do P.C. pelas bombas. E os esquerdistas têm as costas largas. Depois das eleições já podem falar como deve ser, isto é sem ambiguidades.

E quanto a esquerdismos, há sempre qualquer coisa a esconder... Mesmo nas fileiras do próprio reformismo e sobretudo nas regiões do Norte, onde o fascismo põe os antifascistas entre a espada e a parede. Talvez isso facilite a unidade... na base. Para que os reformistas não caiam em aventureirismos, em actos isolados e aventureiros.



A violência faz parte da História, foi violentamente que as diversas classes sociais assumiram o poder. A aristocracia assumiu-o lutando, foram reis e senhores os que venceram, que se apropriaram das terras e dos homens, que utilizaram de uma forma violenta os meios técnicos e científicos mais avançados e foram vencidos por uma nova classe, nascida de novas formas de produção e de troca e que se fortaleceu e passou a utilizar novos métodos, novas técnicas, para assumir o poder violentamente — A Burguesia.

O domínio violento destas duas classes exerceu-se sobre a grande massa dos que não dispoem dos meios de produção, não acumulavam riqueza e trabalhavam por conta de outrem, passando sucessivamente por serem escravos, servos da gleba, operários, camponeses e que são hoje cognominados, consoante os interesses, de cidadãos, moradores, eleitores, Povo.

A par das classes dominantes, confundindo-se com elas, o clero destruiu dos mesmos interesses, fornecendo o armamento ideológico moral e

jurídico que justifica a violência e evita uma resposta também violenta das classes dominadas adormecendo-as com todo o seu arsenal de conceitos conformistas, de apelos à resignação e sublimação dos ideais de revolta na crença de um poder exterior essencialmente justo.

A violência sob a forma de luta e a violência sob formas subtis, como são o enquadramento moral, jurídico, psicológico e ideológico, não aparecem isoladas ao lado dos exército surgem os políticos, os capelães os artistas, os jornalistas, os intelectuais, cada um no seu ramo, justificando a violência, e encobrindo os seus verdadeiros causadores — a divisão em classes, a apropriação por uma minoria da riqueza produzida por uma maioria injustiça que só se mantém com um violento aparelho repressivo.

### A VIOLÊNCIA DO PODER

A classe no Poder baralha ainda as pessoas no Poder baralha ainda as pessoas, exercendo e justificando a





dos trabalhadores

# O AVANÇO DA DIREITA SOBRE O ALENTEJO

O ataque à Reforma Agrária que se tem agudizado ultimamente faz parte da investida geral da direita e exemplifica claramente a cedência do Governo PS a esta investida. Há ainda que focar a resposta dos trabalhadores rurais e o papel do reformismo neste processo.

A Reforma Agrária como processo político está dependente da definição da questão do poder. Também no plano económico está dependente do conjunto das infraestruturas económicas do nosso país. As redes de mercado e de distribuição capitalista que se mantiveram condenam-na. A sabotagem aos produtos provenientes das terras ocupadas, era uma reacção natural daqueles que viam perder os seus privilégios de classe. Aqui há que denunciar o papel sabotador do reformismo que fez acreditar que é possível num país capitalista, manter por muito tempo relações de produção que o não sejam.

Desde o 25 de Abril que os trabalhadores rurais foram alvo de ataques

por parte dos latifundiários. Logo após as primeiras ocupações, a ofensiva em relação a Reforma Agrária limitou-se a ataques físicos aos trabalhadores, fruto da falta de uma alternativa organizada por parte da direita. A ofensiva verdadeiramente política só viria depois, quando nos fins do chamado «Verão quente» os latifundiários se sentiram com força para formar o seu «sindicato», a CAP.

A partir de então a tentativa de recuperação da Reforma Agrária teve novo e forte avanço. Os Governos, primeiro os Provisórios depois o Constitucional, iniciaram também eles um novo caminho de conciliação e de cedência à direita.

Depois da tomada de posse do 1.º

Governo Constitucional ir-se-ia iniciar a «legalização» da Reforma Agrária com a promessa da aplicação da Lei da Reforma Agrária que tinha sido publicada no 6.º Governo (a Lei dos 50.000 pontos). O Governo PS propunha-se um duro trabalho — a recuperação completa do Alentejo para o seu Portugal «democrático e pluralista».

A legalização da Reforma Agrária era a «legalização» de todo o processo pós-25 de Abril e passava inevitavelmente pela repressão sobre os trabalhadores. Para isso havia que afastar do Governo aqueles que se oporiam à legalização tipo GNR. Daí as pressões sobre Lopes Cardoso, ministro da Agricultura. Daí a sua consequente demissão. As ordens de desocupação começam. Em todos os discursos do poder as provocações aos trabalhadores rurais sucedem-se. Mas a resposta dos trabalhadores não tardou em se fazer ouvir.

Na Unidade de Produção Margem Esquerda a tentativa de aplicação da lei das reservas (lei criada pelo Governo Constitucional) não tem sido fácil. Mau grado as afirmações constantes de alguns que é necessário não criar instabilidade.

Os trabalhadores não estão decididos a dar de mão beijada parte das terras que o ocuparam e que duramente trabalharam a quem os explorou durante longos anos. Por isso os trabalhadores cercam a herdade há alguns dias, na tentativa de defender custe o que custe os seus interesses.

As forças da ordem também não se fizeram esperar. A sua presença está desde o início do cerco à Lobata assegurada para defender a integridade física dos patrões e fazer cumprir a lei.

António Barreto no seu último discurso, depois de atacar o PC e os Sindicatos (maneira para ele mais ou menos simples de atacar os trabalhadores rurais) baseou a maior parte do seu discurso na tentativa de acabar com as UCP's. Também o ministro Costa Brás prometeria aos trabalhadores da Lobata como prenda de Natal — a repressão. Isto claro, se estes entretanto não tiverem «o bom senso» de abandonar a herdade.

Estes ataques dos membros do Governo, juntamente com as provocações da direita, de que é exemplo a notícia do «Dia» de que tinham sido recuperadas aos trabalhadores alentejanos dezenas de G-3 e que estava em vistas de ser descoberto um helicóptero, notícia que viria mais tarde a ser desmentida, são o próprio avanço da direita. São a tentativa de esmagar as conquistas dos trabalhadores e de consolidar o poder da burguesia.

## Luta dos Trabalhadores

### SHMMING

Os 400 trabalhadores da fábrica têxtil Shimming não recebem salários há vários meses. O patrão encontra-se na Alemanha e põe como condição só voltar se o Estado lhe der uma indemnização de 15 000 contos, impondo ainda o despedimento dos elementos da CT.

No seguimento de tudo isto, os trabalhadores mandaram uma mensagem ao governo para que este tome medidas imediatas. Mas até agora os trabalhadores ainda não viram os seus problemas resolvidos, mesmo depois de terem contactado, no mês de Setembro, o Banco Português do Atlântico (Banco que está ligado à Shimming) no sentido de lhes pagarem os salários. Ora o BPA parece estar aliado ao senhor Shimming, pois recusa-se a pagar seja o que for.

Assim, e dada a situação, os trabalhadores da Têxtil Shimming decidiram entrar em greve no dia 2 de Dezembro e, para divulgarem a sua luta, levarem a efeito, na passada sexta-feira, uma conferência de Imprensa, da qual transcrevemos alguns passos:

«Agora, nesta situação, corremos o risco de perder encomendas e a produção baixa» (...)

«Porque é que o banco retém os nossos salários, e a fábrica continua a trabalhar em condições normais? Não será isto uma perfeita sabotagem económica? Sendo os bancos nacionalizados, que medidas tomou o governo para que o banco nos pague os salários?»

«Os trabalhadores exigem ao governo que a sua situação seja resolvida e estão decididos a manter a greve até que os seus salários sejam finalmente pagos.»

### SINDICATO DAS GARAGENS

Como a Rodoviária Nacional e as entidades privadas não aceitaram a proposta do Contrato Colectivo de Trabalho apresentado pelos trabalhadores, do Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofício Correlativos do Centro e do Sul decidiram convocar uma assembleia geral de trabalhadores, no dia 19 de Dezembro para discutir uma proposta de greve.

Já numa AGT que se realizou no dia 4 de Dezembro os trabalhadores aprovaram uma proposta com o propósito de:

a) Dar prazo até ao dia 19 de Dezembro para o governo e a RN acordarem o CCT e o enviarem para publicação sem retirarem regalias já alcançadas, caso contrário os trabalhadores entrarão em greve de zelo.

b) Exigir uniformidade de contratação colectiva de trabalhadores rodoviários devendo o PAA e a PRT sair ao mesmo tempo que o CCTV; realizar reuniões nas empresas até ao dia 19 de Dezembro para apoio maciço a esta proposta; fazer no dia 19 de Dezembro uma nova assembleia geral definitiva para dar execução a esta decisão.

### CONTRA OS DESPEDIAMENTOS — CONTRA O FASCISMO E O CAPITALISMO ORGANIZAR A UNIDADE REVOLUCIONÁRIA

A organização local da zona do Sabugo do PRP, ao tomar conhecimento da ameaça de desemprego com que a administração da Siemens SARL quer «premiar» 418 dos trabalhadores dessa multinacional (1) (60 na divisão electrónica: 53 na fábrica Motra, 140 na Indelina e 65 na Parte Comercial) não pode deixar passar mais esta afronta sobre trabalhadores sem marcar uma posição pública sobre o assunto.

Assim pensa o PRP que essa manobra da Administração da Siemens se insere num campo mais vasto das manobras das multinacionais que, desde o «25 de Abril» vêm agindo de forma a exercer acções claras de chantagem sobre o Governo, desde a ameaça, logo a seguir ao golpe militar, quando o conjunto das multinacionais do sector da electrónica anuncia ao Governo português a intenção de deixar o país, passando pelo 11 de Março em que a ITT por exemplo informa o Governo «que retirava o apoio financeiro às suas empresas em Portugal até que fosse estabelecido o seu poder efectivo de gestão». Por aqui se pode ver o carácter iminentemente político e de chantagem com que o imperialismo, através das multinacionais, impõe as condições para continuar a explorar desumanamente os trabalhadores portugueses.

Digamos que agora se trata de uma decisiva ofensiva no sentido de pôr à prova o Governo de Mário Soares e ver até que ponto esse Governo está disposto a colaborar com o capitalismo internacional.

A administração da Siemens alega, outras coisas, a falência técnica em função de perdas havidas quer no ano de 1975/76 quer nos anos anteriores; como se os trabalhadores desconhecem as artimanhas destes grupos multinacionais e não soubessem que as facturações de entradas e saídas se passam, em grande medida, dentro do próprio grupo, o que impossibilita aos trabalhadores um controle efectivo sobre os resultados económicos.

Os trabalhadores da Siemens que têm um passado da luta que lhes vem desde antes do 25 de Abril, em que foram capazes de fazer greves e outras manifestações de classe, saberão melhor que ninguém responder a mais esta provocação do Capital. Agora que o fascismo avança, que os saneados voltam às empresas, que os CDS, ELP, CAP e outros se sentem já fortes para ter palavra, também as multinacionais se sentem com força para fechar, despedirem, enfim, para se começarem a desforrar do abalo que sofre após o 25 de Abril 74, explorando agora mais do que nunca, impondo condições para a prestação do trabalho.

Neste momento para todos os trabalhadores deste país, especialmente para aqueles que, se lutarem unidos, ainda podem vir a derrotar os patrões (caso da Maconde e dos trabalhadores têxteis do Norte em geral), é urgente o reforço de unidade, mas não é a unidade podre que a burguesia nos quer impor, é a unidade em torno das CT e Comissões Sindicais eleitas, unidade nas Assembleias de fábrica para assim podermos dar a força da representatividade àqueles que elegemos. Por isso nós apelamos para que os trabalhadores da Siemens estejam unidos e solidários com os seus órgãos representativos, particularmente a sua CT.

Agora que o confronto com a burguesia está cada vez mais próximo, que as posições cada vez mais se definem, há que não recuar e prepararmonos para resistir organizadamente para então podermos passar à ofensiva final da classe.

**NEM UM SÓ DESPEDIAMENTO — QUE NINGUÉM RECUE  
CONTRA A OFENSIVA DO PATRONATO — ORGANIZAÇÃO POPULAR  
VIVA O PROLETARIADO EM LUTA  
VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA**

15/12/76

Organização Local da Zona do Sabugo do PRP





# A BUROCRACIA DO GOVERNO IMPEDE OS TRABALHADORES DE RECEBEREM OS SALÁRIOS

Tendo em conta a crise que afecta a maioria das empresas de construção civil neste momento, o «Revolução» entrevistou um elemento do Conselho de Trabalhadores da AC para nos falar sobre os problemas que atingem a sua empresa.

**REVOL.** — Os trabalhadores da AC não receberam ainda os salários relativos ao mês de Novembro e têm grandes dúvidas sobre quando receberão o mês de Dezembro e o 13.º mês. Porquê?

**TRAB.** — Isso deve-se à incapacidade (ou manobra...) do Governo em resolver a questão de fundo que afecta a empresa.

**REVOL.** — Qual consideras ser essa questão de fundo?

**TRAB.** — É necessário acabar com o défice da empresa, entregar obras que empreguem a capacidade de máquinas da empresa e a mão-de-obra dos 2700 trabalhadores e ainda que se oponham na empresa técnicos com capacidade de direcção,

A Torralta deve centenas de milhar

de contos à AC que estão a cargo do Estado porque a Torralta também tem intervenção estatal.

Chegou-se a esta situação derivada à última administração que nunca tentou resolver os problemas, nem dialogar com os trabalhadores. Essa administração que tinha sido nomeada pelo Estado pediu a demissão em fins de Outubro e só em 1 de Dezembro é que o Ministério da Tutela lá pôs três técnicos da empresa como administradores, o que ainda não foi oficializado e entrava todo o trabalho burocrático.

**REVOL.** — Como é que o Governo tem resolvido os actuais problemas de empresa?

**TRAB.** — Foi anunciado no dia 7 de Dezembro que o Estado tinha concedido um aval de 30000 contos ao J. Pimenta e 30 000 ao AC.

Só no dia 13 é que conseguiram utilizar esse dinheiro para pagar o mês de Outubro levantando 23000 contos. Os outros 7000 ainda não foram pagos pelo Banco da Agricultura.

**REVOL.** — Pensas que será por sucessivos avais que o problema económico será resolvido?

**TRAB.** — Não. Só cortando o défice da empresa e sendo-nos entregues obras suficientes embora não por concurso. Terá que ser criada uma empresa pública voltada para a construção social.

**REVOL.** — Como é que explicas que com tanta necessidade de habitações e outras construções de carácter social vocês tenham falta de trabalho?

**TRAB.** — Trata-se ou de uma tentativa do Governo criar estas condições para entregar as empresas aos antigos patrões ou então de tentar dividir a empresa em 4 ou 5 mais pequenas que admitam trabalhadores ob regime de contratação a prazo aplicando o decreto 530 que faz diminuir os encargos do patronato.

É também culpa da política de solos e de construção social do Governo, mais virada para um projecto capitalista do que para o socialismo de que fala. Não penso que o Estado deixe a empresa ir à falência pois há muitas mais na mesma situação.

**REVOL.** — Como é que o conselho de trabalhadores pensa actuar neste momento?

**TRAB.** — Pensamos fazer plénarios e discutir a situação na empresa referente à reconversão que o Ministério da Tutela tem que ter pronto até 31 de Dezembro. O projecto de reconversão foi entregue pela anterior comissão administrativa. A actual não se sente capaz de apresentar um projecto até à data limite.

Pensamos também promover novas eleições dos delegados que têm boicotado o trabalho, não comparecendo às reuniões marcadas e não fazendo plénarios nos seus locais de trabalho para esclarecer os trabalhadores.

## NÃO AOS DECRETOS-LEI SOBRE QUOTIZAÇÃO SINDICAL E DESPEDITOS

Dados de 7 de Dezembro saíram mais dois decretos-lei verdadeiros atentados à tal liberdade tão propagandeada por quem os aprovou. O Decreto-Lei 481-B determina que «competem às associações sindicais estabelecer o valor e proceder à cobrança das quotas sindicais dos trabalhadores seus sindicalizados ou das associações suas filiadas». Para além de altamente demagógico utilizando o argumento de que as entidades patronais nada têm a ver com a vida sindical, o que é uma verdade, este decreto-lei é uma das maneiras de, legalmente, o Poder instituído tentar rebentar com toda e qualquer organização sindical que possa minimamente congregar trabalhadores à sua volta ou desencadear movimentações operárias.

Os recursos financeiros dos sindicatos vão ser abalados: grande número de trabalhadores deixará de pagar a quota quer por necessitar do dinheiro, quer por não concordar com a orientação do seu sindicato ou mesmo por falta de interesse.

O que é que isto origina?

Os sindicatos vão inevitavelmente perder força e perder sócios. Pensamos que a estrutura corporativista em que ainda se encontram os nossos sindicatos está completamente errada e atrita a todo o tipo de controlo, quer reformista quer de direita, mas é preciso ver claro, e o actual Poder tocar agora na estrutura sindical, não é de certeza para a reforçar como se pode ver.

Há que analisar este facto; há que fazer assembleias sindicais de empresa e não permitir que mais este decreto-lei antioperário consiga ser posto em vigor.

Imediatamente a seguir e depois do terreno que o decreto anterior preparou, saiu o 481-C, prevendo as justas causas para despedimentos.

As intenções do decreto vêm claramente expressas na introdução pois para além de se prever que seja revisto a curto prazo, reconhece-se que se pretende que ele imprima maior disciplina aos trabalhadores no exercício da sua actividade «pois a tanto obriga a necessidade de combater o absentismo e a indisciplina nas relações de trabalho».

Nos diversos artigos começa-se por afirmar que são proibidos os despedimentos sem justa causa ou por motivos políticos ou ideológicos para imediatamente surgir uma lista infundável de motivos para despedimentos da qual destacamos: as que prevêm justa causa por desobediência ilegítima às ordens dadas por responsáveis hierarquicamente superiores, a violação de direitos e garantias de trabalhadores da empresa, provocação repetida de conflitos com outros trabalhadores, lesão de interesses patrimoniais sérios, faltas não justificadas ao trabalho, falta de observância de regras de higiene, não cumprimento ou oposição ao cumprimento de decisões judiciais ou actos administrativos.

Este decreto-lei, para quem conhece o avanço organizado da direita nas empresas, o ganhar força por parte do patronato e dos seus laiaos, os saneamentos políticos, dos elementos mais activos, as reintegrações de conhecidos fascistas, etc., mais não faz do que legalizar todo e qualquer despedimento.

### Camaradas:

Conscientes da actual situação da empresa, achamos que é nosso dever alertar todos os camaradas para o que se passa dentro do A. C. e de que é urgente tomar uma posição firme e decidida.

É com preocupação que vemos qual será o nosso futuro, pois não só são os nossos salários que estão em causa, mas também os nossos postos de trabalho e o futuro das nossas famílias.

### Mas vamos aos factos:

Dizer que a situação do A. C. é grave, é falso; grave é a posição do Governo para com o A. C., pois há dois anos que o Estado interveio na empresa e até hoje não foi capaz ou não quis ser capaz de resolver o problema da nossa empresa.

É certo que o A. C. se encontra numa situação deficitária, situação essa provocada por diversos factores de que o principal é a dívida da Torralta para com o A. C. de centenas de milhares de contos, e de que o Governo é responsável por a não ter resolvido.

### Terá ou não terá o A. C. viabilidade económica?

É claro para quem trabalha que o A. C. tem possibilidades de ser rentável, desde que os problemas que hoje existem sejam resolvidos, desde que haja dinheiro para pagar salários e comprar materiais, desde que existam obras para ocupar a nossa mão-de-obra, desde que existam técnicos competentes e uma boa administração.

Mas existem forças na nossa empresa cuja sua acção é obscura e concretamente não sabemos qual o seu objectivo.

Existem também boicotes a vários níveis, quer a nível de bancos, ministérios e mesmo na empresa com fins destabilizadores, tudo parecendo ser concertado no intuito de afundar a empresa.

Será que o Governo com esta situação de impasse quer criar a total degradação da empresa para poder assim tomar a tal medida de fundo que há tanto tempo fala, sem que os trabalhadores tenham disso conhecimento?

### E qual é essa medida de fundo?

1.º Será fechar a empresa e mandar-nos a todos para o desemprego?

2.º Será o despedimento de mil trabalhadores?

3.º Será a divisão do A. C. em várias empresas para assim poder aplicar a famigerada lei dos contratos a prazo?

Camaradas, há que dizer não a todas estas medidas que nos dividem e enfraquecem, exigir o pagamento imediato dos salários e subsídios em atraso e lutamos pela única solução viável para a solução do problema da empresa, ou seja, que o Governo transforme o A. C. numa empresa pública virada para a construção social e obras de saneamento básico.

Há que exigir à Comissão Administrativa e ao Conselho de Trabalhadores para que façam plénarios nas obras onde se esclareça e discuta os problemas da empresa e se aponte para soluções concretas e formas de luta a adoptar.

PELA TRANSFORMAÇÃO DO A.C. NUMA EMPRESA PÚBLICA AO SERVIÇO DO POVO TRABALHADOR

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

A LUTA CONTINUA

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

A célula do P. R. P. no A.C.



internacional

# IRÃO: A Ditadura do Petróleo

Apresentamos um documento sobre o Irão, país onde através do Xá se exerce uma das mais ferozes ditaduras fascistas suportada pelo Imperialismo internacional, que visa defender os seus interesses económicos, nomeadamente no que diz respeito à grande riqueza do país — o petróleo — do qual o Irão é o maior produtor mundial e também os seus interesses político-militares transformando o país numa base avançada do imperialismo Norte-Americano na região. É também no Irão que há largos anos se desenvolve por vezes de uma forma espontânea uma luta revolucionária amada contra o regime fantoche e o imperialismo internacional.

## 1 - A História do Irão (Pérsia)

O Irão foi durante muitos séculos dominado por forças imperialistas com o objectivo de se apoderar da sua maior riqueza: o petróleo. Mas o povo do Irão nunca aceitou este domínio estrangeiro. Em 1906 deu-se a primeira revolução irana contra o domínio dos ingleses e russos czaristas e teve como consequência o primeiro Parlamento do Irão. Durante e após a 1.ª e a 2.ª Guerra Mundial o Irão foi ocupado e exploraram o Irão através dos «Contratos para exploração do petróleo». Esta forte exploração destruiu todas as antigas estruturas económicas e fez empobrecer rapidamente a população.

## 2 - O governo de Mossadegh

O povo irano não aceitou mais a miséria que aumentava de dia para dia. Assim se explica o aparecimento do «Partido Popular». O seu líder Mossadegh foi eleito para primeiro-ministro por grande maioria do parlamento. Apenas um dia depois ele nacionalizou todo o petróleo do Irão. Nessa altura realizaram-se em Teerão (capital) com Mossadegh e o seu programa. A Inglaterra enviou imediatamente protestos contra o novo governo democrático do Irão.

Mas a Inglaterra apercebeu-se muito cedo de que a única maneira para continuar a exploração do petróleo era derrubar o governo de Mossadegh. Por isso preparou desde a data das nacionalizações do petróleo um golpe fascista. Para a Inglaterra era importante convencer os EUA e a CIA a colaborar no golpe, pois a nacionalização do petróleo no Irão poderia vir a ser um ótimo exemplo para os outros países árabes.

## 3 - 1º passo: o Boicote Económico

Os países imperialistas iniciaram o boicote económico contra o Irão.

O Irão importava da Inglaterra produtos de primeira necessidade que nunca mais receberam. Além disso os ingleses congelaram todo o dinheiro irano nos bancos ingleses. Assim o comércio externo ficou quase completamente paralizado. A Inglaterra boicotou a compra do petróleo e ameaçou todos os países que compravam petróleo ao Irão com sanções. Assim o Irão passou a vender menos petróleo num ano do que antes do boicote num só dia. Todo este boicote visava lançar o país num caos e criar na população um descontentamento contra o próprio governo que permitisse fazer o golpe fascista contra Mossadegh.

## 4º - 2º Passo: o Terror Fascista

A CIA procurou inimigos internos do governo de Mossadegh e encontraram-os no Xá, nos latifundiários que

se sentiam ameaçados pelo plano da Reforma Agrária e nos generais que estavam a perder os seus privilégios. A primeira tentativa foi criar um governo paralelo no sul do Irão, a qual falhou. Depois começou a chantagem



aos homens influentes à volta de Mossadegh para os obrigar a colaborar num golpe.

Mossadegh não tomou praticamente nenhuma contramedida. A sua posição reformista e legalista levou-o a respeitar a posição reaccionária. A situação agravou-se de tal maneira que em Julho de 1953 se demitiram 50 deputados. O resultado foi a dissolução do parlamento. A CIA e os ingleses que tinham esperado este momento podiam agora dizer que Mossadegh era tão anti-democrata que dissolvia o parlamento.

## 5 - O Golpe Fascista (Mais um golpe da CIA)

Logo após estes acontecimentos o general Schwarzkopf conhecido membro da CIA, foi enviado como diplomata para o Irão e teve reuniões secretas com o Xá e outras forças reaccionárias. A «guarda do corpo» do Xá mandou uma ordem a Mossadegh este se demitir. Este golpe foi descoberto e Mossadegh conseguiu desarmar a polícia do Xá. Realizaram-se neste altura em Teerão e em todas as maiores cidades manifestações de solidariedade com Mossadegh. Mais uma vez se conseguiu evitar o golpe.

A CIA, viria a preparar um novo golpe. Em 1953 a CIA mandou distribuir através dos Mulhahs (padres do Irão) 20.000 contos para os mendigos e pobres. Logo depois esta multidão de Lumpen, armada com punhais e ferros, marchava para o centro da cidade, encabeçada por oficiais e generais reaccionários, matava a guarda,

destruía a casa de Mossadegh que se viu obrigado a fugir.

Mesmo jornais burgueses como «New York Times», o «Le Monde» e outros tiveram que reconhecer mais tarde, que a queda de Mossadegh foi mais um êxito da — CIA.

## 6 - A Repressão do Regime Fascista do Xá

O Xá seguiu o fascismo de Hitler do qual era um grande admirador Mossadegh foi condenado perpetuamente e os seus ministros fuzilados centenas de comunistas foram também fuzilados. Numerosos professores e estudantes desapareceram sem mais se ouvir falar deles. 71 oficiais foram imediatamente fuzilados, 474 foram presos. Em Dezembro de 1953 os militares dispararam contra uma manifestação de estudantes e mataram três deles. Em Junho de 1963 quando se realizaram em todas as grandes cidades manifestações contra o Xá o exército matou num só dia mais de 4.000 pessoas. Em Maio de 1971 quando 2.000 operários se manifestaram na fábrica para pedir aumento de salário, a polícia interviu e matou cobardemente 50 operários, ferindo muitos mais.

Após o golpe fascista numerosos agentes da CIA e especialistas militares dos EUA chegavam ao Irão para reorganizar o exército que foi equipado com o mais moderno armamento americano desde metralhadoras até bombardeiros «Phanton» e mísseis e conta agora com 250.000 homens.

A CIA organizou também uma polícia secreta a SAVAK (a pida do Irão) que tem hoje em dia mais de 100.000 agentes. Ao mesmo tempo foi assinado pelos EUA e Inglaterra o novo contrato de petróleo para retomar a exploração. A CIA tornou também o Irão um ponto de lança do Imperialismo americano para poder mais facilmente controlar os países do Golfo Pérsico.

Hoje em dia há no Irão mais de 22.000 presos políticos.

## 7 - A Economia do Xá

Enquanto Mossadegh conseguiu duplicar a exportação e ao mesmo tempo reduzir a importação (nesta altura foi proibida a importação de artigos de luxo, só se importavam máquinas que podiam aumentar a produção). O Xá fez exactamente o contrário. As importações muitas vezes de artigos de luxo, aumentaram ao mesmo ritmo que a dívida principalmente em relação aos EUA. As divisas acabaram-se rapidamente até que o ministro das finanças teve que declarar a bancarrota. Os salários estagnaram ou diminuíram ao mesmo tempo que a inflação aumentou. O povo irano empobreciu cada vez mais.

Por outro lado não interessava aos EUA e à Inglaterra, que retomavam a exploração do petróleo, refiná-lo no Irão. Eles queriam apenas «comprar» petróleo a um preço mais baixo. Isto provocou o desemprego de 30.000 trabalhadores das refinarias. Além disso o Xá gastava com o exército 4 vezes mais do que antes. Os bancos do Irão estão hoje todos em mãos

estrangeiras. O dinheiro que foi para o Irão como «assistência a países subdesenvolvidos» desapareceu nos bolsos do governo corrupto.

## 8 - A Fome:

Tudo isto provocou uma grande miséria e fome em todo o país. Um turista que passou por ali escreveu: «Sou testemunha de cenas horríveis de miséria humana. Com os meus próprios olhos, vejo como crianças, homens e mulheres morrem lentamente por falta de alimentação e medicamentos. Eu conheço famílias que têm como maior desejo obter um bocado de pão.

Conheço mulheres e raparigas envergonhadas que não saem durante meses da sua barraca porque lhes falta a roupa. Conheço crianças que emagreceram até o esqueleto e que se envolvem completamente nus na lama alimentando-se durante anos de peixes podres e ervas daninhas». Um terço da população é subalimentada; por toda a parte existem epidemias. Existem aldeias inteiras onde os seus habitantes estão cegos em consequência duma epidemia. Um persa tem uma esperança de vida média de trinta anos. A mortalidade infantil é de 50 por cento e 65 por cento dos persas não sabem ler.

As famosas carpetes são feitas por crianças (dos 6 aos 10 anos) que trabalham 12 horas por dia e recebem um salário ridículo. Isto é a realidade à qual o Xá chama «Um paraíso onde todas as pessoas são felizes».

## 9 - O negócio da droga

Um dos grandes negócios do Xá é a cultura de papoilas para obter drogas como ópio e heroína. Assim são cultivadas papoilas em 12.000 hectares que pertencem praticamente todas ao Xá. Além disso sabe-se que o Irão é o maior produtor de ópio e exportador de Heroína para os EUA. Existe uma lei que prevê a pena de morte para negociantes de droga. Mas esta lei apenas foi feita para eliminar



os pequenos concorrentes do Xá. Já várias vezes foi provado que o regime do Xá está fortemente comprometido com o negócio internacional da droga através da própria família imperial e dos mais altos funcionários do Governo.

## 10 - A Resistência

O Partido Tudeh reformista e ligado à União Soviética com a mais anti-





ga tradição está num dilema. A URSS vende também armamento ao regime fascista do Xá e toma parte na exploração do petróleo e gás iriano.

Assim nos últimos anos vários grupos mais ou menos espontâneos de guerrilha como o Partido Nacional Islâmico, o Couleur, a Frente para a Libertação do Irão etc, viram que a única saída desta miséria, fome repressão e tortura é o derrube violento do regime fascista do Xá e começaram a luta armada. Os guerrilheiros atacaram postos de polícias, destruíram à bomba monumentos do Xá, executaram torturadores da SAVAK.

Nos anos 60 a população do Sul revoltou-se contra o regime e enfrentou durante anos seguidos com armas na mão o exército iriano. Várias tribos desta província juntaram-se e conduziram uma dura luta armada que ficou conhecida como «Movimento do Sul». O exército do regimen do Xá reprimiu barbaramente as revoltas da população do Sul, foram bombardeadas cidades inteiras e feitos numerosos massacres, foram fuzilados mulheres e crianças. Como o exército do Xá não conseguira reprimir estas revoltas os EUA: mandaram bombardeiros e Comandos Americanos para o Irão.

O Partido Nacional Islâmico conduziu uma luta de guerrilha urbana na capital de Teerão e na província Nordeste Cuilon iniciou-se em 1970 uma guerrilha urbana

### 11 — As Prisões e a Tortura

As prisões são normalmente feitas à noite. Publicamente os prisioneiros políticos são sempre acusados de serem assassinos, ladrões, contrabandistas ou negociantes de ópio.

No Irão são torturados diariamente centenas de prisioneiros políticos pela SAVAK, sendo várias as torturas empregues, torturas que fazem lembrar a idade média. É hábito:

— Bater com fios metálicos até o preso ficar sem consciência; Arrancar as unhas; Cerrar ou partir as pernas e os braços; queimar com (aquecedores e barras metálicas) fortemente aquecidas; choques eléctricos; execuções fingidas; bater com paus embebidos em ácidos; pendurar por muito tempo o preso com a cabeça para baixo isolamento; tortura do sono etc, etc.

Muitos presos morrem em consequência das toruras sofridas.

Um preso político Resa Resai conseguiu escapar da prisão. Ele foi tortu-

rado durante três meses. Num relatório escreveu: «Infelizmente nenhum homem que seja submetido a tortura especial pela Savak sobrevive. Ou

morre em consequência da tortura ou então é fuzilado depois. Assim a Savak quer conservar o segredo. Nesse tempo, quando vários grupos enveredaram pela luta armada, a tortura foi ferozmente intensificada. Eles bateram-me tanto tempo com um chicote de cabos que até a pele se soltou por todo o corpo e eu fiquei sem consciência. Quando depois andei tinha dores horríveis. Tudo isso pode-se repetir várias vezes: eu vi como amarravam o engenheiro Badisadeghan numa barra onde ligaram um aquecedor. Ele ficou tão queimado que perdeu após cinco horas a consciência. Quando ele estava perto da morte voltaram-no e atiraram-no para o calabouço onde ficou durante uma semana sem receber tratamento. A prisão estava cheia de fedor a pus e carne podre, quase asfixiávamos. Depois a Savak decidiu-se a operá-lo. Foi operado três vezes e tiraram-lhe alguns ossos carbonizados da coluna. Agora ele está paralítico e as suas costas estão fortemente inclinadas de modo que ele não se pode movimentar arrastando-se com os braços. Apesar destas otorturas, ele nunca denunciou ninguém.

Eu vi presos que enlouqueceram e outros ficaram cegos como consequência de pancadas na cabeça. Ou-



tros métodos são introduzir garrafas ou água quente no anus, pendurar pesos nos testículos, encerrá-los em celas tão húmidas que até os guardas se recusam fazer lá serviço. As celas têm uma largura de 1,20 de comprimento e altura de 2 metros nunca entra lá luz do dia. O preso não consegue distinguir o dia e a noite. Nestas celas estão às vezes dois ou três presos de modo que quase não se pode dormir.

Eles dizem aos guardas, que às vezes são soldados, que nós somos assassinos e ladrões»

Resa Resai acaba com um apelo: «Abri as vossas orelhas e ouviros os gritos dos torturados.

Protestai e despertai a atenção à opinião pública mundial para que os gritos também alcancem os seus ouvidos. Abri os olhos e vereis as feridas profundas dos corpos esfolados pelo chicote. Para que vós saibais o que quer dizer estar 4 horas em cima de um aquecedor, aproximai um cigarro aceso da vossa pele.»

### 12 — OS TRIBUNAIS E OS FUZILAMENTOS

Todos os presos políticos são postos perante um tribunal militar onde o público, a Imprensa e os familiares não tem acesso (embora a lei o permita)... Os julgamentos são curtos e as acusações sempre as mesmas: actividade subversiva, posse de armas, explosivos ou duplicadores, compra de armas, assaltos a bancos ou postos de policia, preparação de atentados etc. O réu não tem o direito a um advogado.

Os juizes não querem obter quaisquer confissões, estas já foram obtidas pela Savak durante um longo processo de tortura. A Savak também já determinou antes do início do processo a pena. Assim os processos são verdadeiras farsas.

Mas os presos enfrentam o tribunal de uma forma verdadeiramente heróica. Já houve declarações perante o tribunal como as seguintes: «O regime é ilegal e a nossa luta é uma luta justa contra o Imperialismo e o seu dominio no Irão. A luta armada é a única possibilidade para a vitória». «Este regime está cheio de crimes e sangue. Eu sei que vocês querem fingir que não sabem dos métodos de tortura, que não sabem que camaradas nossos foram torturados até à morte. Eu sei que vou receber como resposta, após o processo, um novo tratamento de tortura. Mas podem-me torturar. Desde que haja repressão vai haver luta e desde que há luta vai haver vitória ou derrota mas no fim a vitória vai estar ao lado do povo. Não sou eu que digo isto é a história; é isto que diz a luta heróica do povo do Vietnam. Isto dizem os povos e os povos dizem a verdade.»

«A nossa defesa não é para deminuir a sentença. Nós defendemo-nos para que seja claro quem é o verdadeiro culpado. Defendemo-nos para que aqueles que nos ouvem saibam porquê e para que lutamos e porquê e por quem somos julgados. Nós falamos para o nosso povo que está há anos sob repressão. É este povo que nos tem que julgar.»





# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuidora: Editorial 18 de Janeiro, — Lisboa

## AS ELEIÇÕES

Quem ganhou estas eleições foi a abstenção; esta é uma conclusão que temos que tirar e perguntar quais as razões. Estas razões residem no cansaço das populações que após votarem três vezes se mantêm nas mesmas condições, senão pior. Os trabalhadores concluem que o voto não lhes trás nada, por muito que lhes fale em «dever cívico». A situação económica manteve-se no seu ritmo acelerado de crise ao longo dos vários peiros de que antecederam e se sucederam aos actos eleitorais.

Pois não é com votos que os trabalhadores ganham o poder... De qualquer modo, apesar da abstenção, apesar da concorrência em termos financeiros díspares,

apesar do uso e abuso dos meios de comunicação estatais pelo partido do Governo, o PS, há que tirar conclusões. E podemos dizer que elas são favoráveis aos trabalhadores e a uma perspectiva revolucionária.

O CDS saiu derrotado destas eleições onde esperava fazer uma subida vertiginosa. Mesmo populações que se podiam supor votarem no partido mais à direita — Trás-os-Montes, Minho — não o escolheram. O CDS é uma imagem que não é escolhida apesar das pressões, apesar do caciquismo. Além do mais eles são os fascistas de antigamente, conhecidos em cada local como tal. Não há pois uma base eleitoral que suporte o golpe da direita. É um novo dado para os golpistas que eles têm que re-

dear.

E mantem-se uma votação maioritária no PS, o que quer dizer que há uma maioria que escolhe «socialismo», por muito que nós saibamos que essa palavra significa «traição». A maioria dos eleitores não o sabe.

Mas quanto à votação massiva do Alentejo na FEPU (o que não significa necessariamente grandes perdas para o PS), significa no entanto que a manobra do Governo de desvio dos votos à esquerda do PS para este partido não surtiu efeito. Isto é a política governamental em relação ao Alentejo é rejeitada. Quanto aos votos nos GDUP's são simplesmente ridículos... São uma boa lição para os golpistas, ou para quem

quer que seja que tivessem ilusões... Os GDUP's não são o Otelo, são a UDP disfarçada. Os GDUP's não têm programa revolucionário têm um «caderno reivindicativo», que nem sequer é posto em prática. Quem votou em Otelo nas presidenciais, nestas eleições votou FEPU ou não votou, quem procurou uma alternativa revolucionária ou não a encontrou, ou votou aquilo que lhe apareceu com mais propaganda e mais claro: mais um engano... Mas não grave neste caso. O reformismo não é caminho, seja ele maquista e apareça com a capa GDUP ou seja revisionista e apareça com a capa de FEPU.

Os trabalhadores têm que encontrar um outro caminho para a revolução.

## EDITORIAL

A semana passada caracterizou-se pelas provocações da direita (bombas e não só) e pela avançada sobre o Alentejo (que foi ponto de honra do Governo). E culminou com umas eleições, que trouxeram resultados inesperados e que irão travar a direita. A organização clandestina de direita, com o seu pé dentro do poder nas regiões do Sul e com o corpo todo nas regiões do Norte, desencadeou uma operação provocatória com sucessivos actos de sabotagem nos serviços públicos, destinados a ser atribuídos à esquerda e a criar o mal-estar necessário a um clima de desestabilização. Repetem-se aqui determinados dados do Chile, que antecederam o golpe fascista. Estes actos da direita destinam-se a pôr o próprio Governo em causa criando na população um clima de insegurança, que poderá provocar em certas camadas um anseio pela «ordem nas ruas». Isto é, os mesmos que põem as bombas, gritam «ai, as bombas!» e propõem-se estabelecer eles a ordem... (Mas talvez se tenham enganado, tanto quanto se pode avaliar pelos resultados eleitorais). Ao mesmo tempo, usam o truque do «agarrar que é ladrão», e procuram insinuar que as bombas são postas pela esquerda, no que são ajudados pelas entidades oficiais, que não perdem a ocasião, no rádio, na televisão, nos jornais, de insinuar o mesmo. E entretanto os bombistas, com o selo da direita bem marcado na testa, continuam em liberdade, quando não em liberdade homenageada. E quando Soares diz que serão tomadas tantas medidas, quantas necessárias, para reprimir os bombistas, é desmentido pela realidade.

Já ao Governo compete outro tipo de marcha para a direita. Marcha legal, como convem a «Estado de Direito». Com o «Direito» paga-se no Alentejo e procura-se um plano diabólico para retalhar a grande propriedade e transformar os trabalhadores rurais em pequenos proprietários. Isto é, faz-se o crime de andar para trás na História, de desperdiçar a oportunidade de transformação dos latifundiários em unidades colectivas de produção estimulando o retalhamento da terra, a criação de cooperativas de pequenos proprietários, a concorrência capitalista. Hipocritamente chama-se a isto «mais carinho pela terra». E entretanto faz-se avançar a GNR para o Alentejo e preparam-se outras forças maiores e mais diversas. Isto tudo por causa do «carinho pela terra» e em nome do «Estado de Direito». Direito da burguesia e carinho dos latifundiários... O Alentejo é neste momento um ponto de honra para a direita.

E para a esquerda? O reformismo, na sua cúpula, negociará o Alentejo, como negocia tudo. E os revolucionários, até à data, não encontraram forma de dar uma expressão superior à chama revolucionária do Alentejo. Otelo e o seu programa poderiam dá-la, poderão dá-la. No entanto, esta é uma tarefa unitária que se põe não a um homem, mas muitos homens.

Tarefa que é tanto mais possível quanto os resultados eleitorais o permitem.

De facto, estes resultados eleitorais, apesar do grande abstencionismo, apesar das características burguesas do acto eleitoral, são antes de tudo uma derrota para a direita. O grande derrotado é o CDS, cujos resultados ficam abaixo de qualquer previsão. A direita não encontra legitimação com estes resultados eleitorais para qualquer golpe dentro das instituições. Por sua vez, certas regiões atrasadas politicamente, como Trás-os-Montes, Minho e as ilhas não colam, apesar de tudo, a uma escolha de extrema-direita, ou seja não escolhem o partido que se lhes apresenta mais à direita.

E os votos no PS e na FEPU significam, mau grado os enganos provocados pelos reformismos de vários matizes, que a maioria do eleitorado escolhe «socialismo», e que não deixaram de espantar.

A repressão, o avanço da direita, o combate ao Alentejo, o combate à esquerda, estão pois, limitadas pelas barreiras legais e é dentro delas que tem que se mover. É um momento de impasse para a direita.

Mas esse momento de impasse não valerá nada se a esquerda não procurar a forma correcta para a alternativa revolucionária.

Que a forma correcta não são os GDUP's do Congresso não é o MUP actual, demonstram-no os ridículos resultados eleitorais dessa organização.

Tais resultados vêm mais uma vez demonstrar a política errada desse movimento, as consequências do seu sectarismo e das manobras partidárias.

E vem demonstrar também que tal movimento, que tal sigla, nada tem a ver com Otelo, nada tem a ver com o seu programa, nada tem a ver com os revolucionários.

## INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

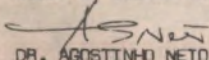
No seguimento das saudações revolucionárias, testemunho da solidariedade militante, que a direcção do P. R. P. enviou ao presidente Agostinho Neto, e através dele, ao M. P. L. A. e ao Povo Angolano, aquando do 1.º Aniversário da República Popular de Angola, recebeu o P. R. P. a mensagem que publicamos:



PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

A DIRECÇÃO DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO PROLETÁRIO

EM NOME DO POVO ANGOLANO E EM MEU NOME PESSOAL AGRADEÇO PENHURADAMENTE A VOSSA MENSAGEM POR OCASIÃO DO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA. QUETRAM ACEITAR AS NOSSAS MELHORES SAUDAÇÕES.

  
DR. AGOSTINHO NETO

PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA